

# EM CENA: O TEATRO COMO OLHAR CRÍTICO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Anderson Diego da Silva Almeida<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Orientador: Professor Esp. Washington da Anunciação<sup>2</sup>

Temos medo da fala mansa do inimigo, mas muito mais, quão mais, do inesperado punhal a saltar na mão há pouco amiga para transpassar nosso aberto peito ou pelas costas nos aniquilar. É então, quem sabe, nesse “medo que esteriliza abraços” que descobrimos não termos medo disto ou daquilo, de algo ou de alguém, já nem mesmo medo da nossa própria sombra, somente medo do medonho. Susto, espanto, pavor. Angústia, medo metafísico sem objeto, tudo e nada lhe servindo para consumir-se até alçar-se ao ápice: medo do medo. Juntamente com o ódio, o medo, escreveu Espinosa, é a mais triste das paixões tristes, caminho de toda servidão. Quem o sentiu, sabe” (CHAUÍ, 1997, p.39).

## RESUMO

O presente artigo vem discutir os atos de violência enfrentados pela mulher dentro da sociedade brasileira, e sobre tudo em seu lar, ao mesmo tempo, discorre sobre políticas públicas ao combate e discriminação dessas concepções contrárias à dignidade feminina. Coloca-se o teatro Legislativo de Augusto Boal como pano de fundo para essa discussão. Apresenta-se também cenas do espetáculo “Minha Camisa de Força”<sup>3</sup>, que mostra-se como elemento visual forte e questionador para a dissertação e um melhor entendimento desse trabalho.

## 1 INTRODUÇÃO

O sistema social como emaranhado de tentáculos está predisposto em campos constituído por capitais de ordem social, econômica, política, cultural formando entre si o capital simbólico e, devido, a influência que estes exercem como signos e figuras simbólicas na relações pessoais (AQUINO, 2008).

A mulher, na sociedade brasileira, vem enfrentando políticas de gestão que dizem respeito as dificuldades enfrentadas pela sua classe. Assim, sabe-se que

---

1 Aluno do curso de graduação em Artes Cênicas: Licenciatura., onde também é monitor de cenografia. Atua como colaborador no Grupo de Pesquisa Memória, Tecnologia e Etno-História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas – GENTEH/IFAL. E-mail: andersondiego.almeida@yahoo.com.br

2 Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, onde leciona no curso de Artes Cênicas. E-mail: wanunciacao@hotmail.com

3 Espetáculo montado no ano de 2009 pela Cia. Muro Imaginário, composta por alunos do Curso de Teatro da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, sob direção de Anderson Magalhães Serpa e orientação do Professor Dr. Sérgio Borba.

dentro dessa perspectiva política, muitos são os casos de violência enfrentados em suas residências, pelos seus próprios parceiros, colocada aqui como violência doméstica, a violência urbana, provinda de uma estrutura desordenada que a sociedade apresenta como o mal, colocada também nesta concepção crítica, como falta de gestão política para o assessoramento às vítimas de agressão.

O teatro tem, em sua base cênica, tendência a interpretar os anseios e questionar através de uma atmosfera, onde a arte imita a vida, as problemáticas que levam a analisar um determinado contexto político, social e cultural como colocado anteriormente. Exemplo dessa análise temos no teatro a história de Antígona (442 a.c) de Sófocles e Medéia (431 a.c) de Eurípedes, que para Nobre (apud GAZOLLA, 2001, p. 2), para entender o drama trágico, ancorado como está em contextos históricos específicos

que remetem à Antiguidade e estão fora do nosso olhar impregnado da racionalidade iluminista, é preciso um exercício simultâneo de distanciamento e aproximação, necessário para se evitar a tendência de transportar os textos clássicos para o nosso próprio ideário

Só assim será possível atingi-lo naquilo que ele é, considerando-se que ele pode falar por si mesmo”, como se encerrasse em si algo de atemporal. Isso implica considerar que a experiência humana vivenciada pela Tragédia é tão “vigorosa e de uma tal transcendente grandiosidade” que não nos chega como algo de um tempo passado - o trágico da Grécia clássica -, mas como “um presente contínuo em nós” (GAZOLLA, 2001, p.15).

Dentro da análise à cima, apresentamos a seguir o artigo vinculado à análise crítica da violência urbana contra a mulher, a crítica feita às políticas públicas implantadas pelos órgãos políticos e colocados em cena pelo teatro legislativo, de Augusto Boal<sup>4</sup> para uma análise na construção de um olhar questionador ao processo eleitoral no Brasil. Em seguida, mostrar-se-á fotos da primeira cena do espetáculo “Minha Camisa de Força” que retrata a violência enfrentada pela mulher.

## **2 A CRÍTICA: MULHER X HOMEM**

A relação entre mulher e o homem é rodeada de paradoxos constituídos pelo processo cultural, e que, na contemporaneidade, se luta pela mudança estrutural e igualdade de gênero (AQUINO, 2008).

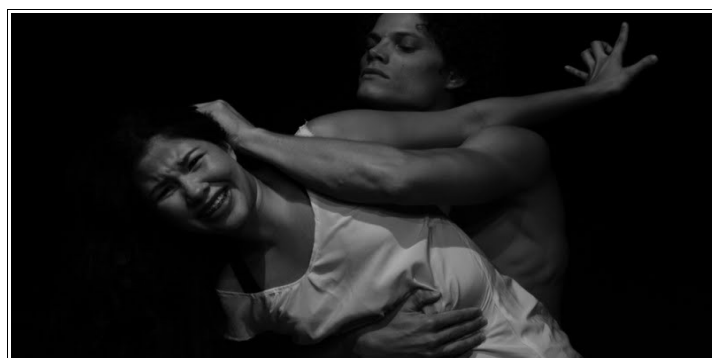
---

4 Foi o criador do C.T.O – Teatro do Oprimido em 1986 e o dirigiu até o ano de sua morte, 2009.

Nesta perspectiva, exemplifica-se a dicotomia que impera a respeito do feminismo ou igualdade de gênero que a mulher vem buscando no processo histórico para um valor maior da democracia. Portanto, a naturalidade que se é dada a ordem social vela e oprime a mulher, quando esta não retira de si o “véu” da submissão. Ao refletir a respeito da posição que ocupa no campo das relações, seja no trabalho, no lar, na rua, bem como o seu papel na procriação e enquanto sujeito de vontades.

A mulher vem buscando conquistar seus espaços na sociedade, colocados aqui como aqueles que integram a política de igualdade para todos, onde observa-se que o movimento e as novas políticas públicas são as novas conquistas para o combate ao menosprezo de mulheres carentes e que não possuem conhecimento de seus direitos. Assim, o problema da violência que abordamos neste artigo é observado a partir das diferenças de gênero que denotam pouca importância se ela é praticada no meio público ou privado, pois a mulher é vítima majoritária de excessos praticados pelo sexo masculino e esquecida pelos poderes públicos para o fim da banalização em apenas propor melhorias e projetos durante o período eleitoral, quando se fala em propostas e performance na TV, ou em propostas de campanha que fazem parte da moda, que também não se tornem, essas e aquelas em violência moral.

### 3 BREVE ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER



**Figura 1:** Cena do espetáculo "Minha Camisa de Força"  
**Fonte:** Arquivo pessoal

Observa-se a violência contra a mulher com as suas várias facetas, como uma imposição de vontades e mecanismos de invisibilidade a sua condição de agente de direitos e pessoas com direito a dignidade. Para Aquino (2008), esse

exemplo

serve de maneira pontual para demonstrar que se faz presente nas relações sociais o poder simbólico, pois a socialização e a maneira de disposição dos indivíduos, seja por classe, cultura e sexo denota de trocas sociais, que no seu bojo se dão por simbologias

A essa analogia, demonstra-se o estigma da mulher agredida como um ato de violência simbólica nas relações de poder, pois muitas são espancadas por seus parceiros, violentadas nas ruas, e excluídas de seus direitos perante o serviço à sociedade. Assim, não há novidade a menção de que as mulheres que sofrem de violência das mais diversas maneiras são rotuladas e estigmatizadas por alguns, se não a sua maioria, membros da comunidade.

A dominação masculina é vista com certas expressões pejorativas, como um habitus aceito por todos os integrantes do campo social como algo natural. Em se tratando da violência doméstica, essa dominação torna-se maior. Nas palavras de Bourdieu (1996, p. 7-8):

também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que exerce essencialmente pelas puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento

A violência doméstica, que somente na última década passou problematizada, começou a destacar-se entre os temas sociais de maior relevância, ampliando-se de tal maneira que já não se admite a prática de atitudes que até pouco tempo eram aceitas e toleradas pela sociedade. Portanto, a indagação feita, mostra que o discurso político a respeito de políticas eficazes para o combate a violência, deve ser formulado, os atuais reformulados para que se tenham avanços mais rápidos e que as mulheres possam desfrutar de projetos que garantam a sua segurança, acessibilidade, inclusão e direito à ações participativas na sociedade em todos os âmbitos.

#### **4 O TEATRO QUE DENUNCIA E QUESTIONA**

Coloca-se o teatro nessa análise para enfatizá-lo como forma de expressão e como elemento que traz à cena o olhar questionador sobre assuntos do qual se deseja abordar, aqui a violência contra a mulher. E também o teatro de Boal, como

aquele que se utiliza de técnicas para despertar um olhar crítico sobre o ato cênico e levar o espectador a analisá-lo sob a ótica que contempla os males da sociedade, da qual o processo democrático é interrompido sem a falta de políticas decentes e políticos que façam a democracia acontecer no seu aspecto mais convencional dos direitos e deveres.



**Figura 2:** cena de "Minha Camisa de Força"

**Fonte:** Arquivo pessoal

A figura 2 mostra o que aborda-se nessa dissertação, a violência feita pela dominação masculina contra a mulher e as muitas dificuldades encontradas por elas, em seus direitos, ou seja, encontrar interesses e projetos consistentes políticos. Pode-se analisar e utilizar-se do teatro como pano de fundo ou como elemento principal para a provocação e abordagem dessa temática, onde propõe-se aqui o Teatro Legislativo para tornar mais expressivo

O teatro legislativo foi desenvolvido por Boal e alguns de seus “assessores teatrais” dentro de seu mandato como vereador, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, entre os anos de 1993 e 1996. Trata-se, explicando de modo simplificado, de usar as técnicas do TO, Teatro do Oprimido, especialmente o teatro-fórum, uma das modalidades, para discutir ou levantar junto e através de diferentes núcleos, possíveis projetos de lei a serem encaminhados para a aprovação da Câmara ou de órgão legislativo competente. “Assessores analisam a viabilidade de transformar as sugestões do público em projetos de lei, bem como informam quando uma lei já existe, mas não é conhecida” (NUNES, 2004, p. 148).

As políticas públicas voltadas para a mulher no Brasil ainda são pequenas. Muito pouco tem sido feito para combater a violência e a discriminação feminina. Precisa-se de uma maior discussão e um melhor planejamento para que essas políticas sejam de fatos criadas e executadas de acordo com as leis, não ficando

apenas no papel, mas em um conjunto que passe da teoria à prática.

Quando Boal propõe o Teatro Legislativo, para transformar em melhorias para a população, entende-se que pode-se através do teatro despertar posições cabíveis e possíveis de argumentar e trabalhar em prol de políticas melhores para uma democracia capaz de suprir os anseios da população e tornar as leis que oprimem as mulheres, mais ao alcance e conhecimento de todos. Para Boal, a função da arte é criar consciência, uma consciência da verdade, uma consciência do mundo, “não necessariamente verbal ou verbalizável, sistematizável” (SANT' ANNA apud. BOAL, 1990, p. 2).

Apesar de próxima à idéia brechtiana do teatro "como lugar *en donde se revelan las contradicciones*"<sup>5</sup> (CASTRI, 1978; 110), a percepção da atividade teatral enquanto local para as negociações de discursos de poder, tal como proposta se distingue da concepção predominante na tradição do chamado teatro político, ao permitir um reconhecimento mais amplo das forças atuantes no diálogo teatral; mesmo que essas forças não se reconheçam imediatamente como agentes políticos, mas que são capazes de questionar, assim como o Teatro Legislativo apresentado por Boal, de propor mudanças e torná-las possíveis.

## 5 MINHA CAMISA DE FORÇA : UMA CENA DA REALIDADE



**Figura 3:** Cena estupro - "Minha Camisa de Força"  
**Fonte:** Arquivo pessoal

O espetáculo “Minha Camisa de Força”, estreado em 2009, no Teatro de Arena Sérgio Cardoso<sup>6</sup>, vem com a proposta de discutir os anseios, os desejos, a libido, a dor, a decepção, entre outras temáticas que compõem o roteiro da dramaturgia. Elementos esses que levam à mulher uma situação de familiaridade com a sua situação perante à sociedade: a esposa, a mãe e a mulher que ama.

5...como lugar onde se revelam as contradições.

6 Localizado na Cidade de Maceió, anexo ao Teatro Deodoro, no centro da cidade.

Uma cena inicial, figura 3, chama atenção, para o fato da plasticidade ser voltada para o processo colaborativo, elaborado pelo grupo, e ter em sua totalidade a essência do corpo no espaço, um forte fator utilizado pelo teatro. Com essa percepção, analisa-se a cena mencionada como o sofrimento de uma jovem abordada inicialmente por um rapaz e posteriormente estuprada por comparsas do mesmo jovem. Percebe-se a luta travada pela jovem para não ser abusada sexualmente, onde a dominação masculina, na cena composta por quatro bailarinos/atores dão o significado original da realidade e ressignificado dos movimentos restaurados que coloca-se como aqueles provindos da vida. Imagina-se quantas jovens, mulheres, donas de casa tenham passado e passam por isso, onde a violência doméstica e principalmente a urbana reinam na sociedade e onde muitas são alvos dessa cena.



**Figura 4:** A dominação masculina na cena  
**Fonte:** Arquivo pessoal

Ao longo dos séculos as mulheres vem sendo objeto da dominação masculina, que transforma-se, dilui-se, suaviza-se, mas continua exercendo-se através da violência, seja ela física ou simbólica (BOURDIEU, 1999). Por outro lado, é inegável a dificuldade de acesso aos lugares e aos dispositivos de poder que as mulheres enfrentam, embora nas últimas décadas esta relação venha sendo modificada, com uma maior presença feminina nos postos de trabalho e uma maior escolaridade, comparada a dos homens. Contudo, é notório também que a sociedade está longe de abolir a violência do homem contra a mulher, sobretudo nas relações domésticas.

Certamente, a figura 4 nos remeteria ao sofrimento de uma mulher qualquer, que sem conhecimento não procuraria seus direitos, e sem entender o que lhe a segura, dentro das políticas públicas, seria abusada e não procuraria apoio devido

para o tal fato. As ações possíveis vivenciadas pelos agentes, diz Bourdieu (op.cit), não são escolhas conscientes, mas estratégias adotadas em determinados momentos e sob determinadas circunstâncias, definidas pelas posições de poder e pelo volume do capital simbólico que circula num campo. Estas ações estratégicas “só raramente tem origem numa verdadeira intenção estratégica” (BOURDIEU, 2001, p.110), enquanto ações deliberadas, racionais e projetadas num futuro, que visam ganhos calculados. Aparecem como produto do habitus (BOURDIEU, 1999) em um corpo socializado, no qual se estrutura a percepção e apreciação (a representação) e a ação (as práticas) num determinado campo.



**Figura 5:** A mulher sob dominação  
**Fonte:** Arquivo pessoal

A cena do estupro no espetáculo evidencia-se o ato de dominação masculina sob o gênero feminino, onde a mulher é desprovida de reação e, certamente, sofre por não ter oportunidade de reação. Observa-se, a isso, que as condições sociais que reproduzem essas tendências, fazem com que os dominados adotem o ponto de vista dos dominantes, efetivando-se alheio a vontade, demonstrando um poder também simbólico nas suas manifestações.



**Figura 6:** A exploração do homem sob a mulher-  
**Fonte:** Arquivo pessoal

Verifica-se que a dominação só se perpetua através dessa capacidade e que



as mulheres precisam conhecer seus direitos e lutar para que as políticas, não sejam apenas discursos demagogos em horários políticos ou enfeites de banners para a propaganda eleitoral.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise à cima veio nortear uma temática que circunda as rodas de discussões na contemporaneidade, onde em voga se discute o papel que a mulher ocupa e deve ocupar na sociedade.

Não se quer com este artigo esgotar esse assunto, até porque seria impossível pela vastidão do conteúdo, mas questionar a atual situação que envolve mulheres atuantes na sociedade e mulheres colocadas à margem da sociedade, desprovidas de seus direitos, mas com todos os seus deveres a par da sociedade.

Coloca-se aqui uma crítica, como a apresentada durante essa dissertação, aos poderes públicos e, principalmente, aos órgãos que regem as políticas públicas referentes às mulheres. É preciso que o olhar vá muito além de modelos, ações e discussões. A mulher precisa encontrar na sociedade, além de espaços que a faça conhecer seus direitos, mas que também uma construção coletiva que abomine de vez a banal situação que fere a sociedade “O homem tem que sobrepor a mulher”. A mulher, assim como o homem, tem seus espaços definidos, buscando cada um o seu devido posicionamento e mostrando assim, sua forma de pensar e atuar.

A igualdade de gênero entre homens e mulheres deve-se prevalecer na contemporaneidade, até porque é a essência do homem enquanto ser que precisa do outro para se relacionar e produzir.

## **REFERÊNCIAS**

GAZOLLA, Rachel. **Para não ler ingenuamente uma tragédia grega**. São Paulo: Loyola, 2001.

AQUINO, Quelen Brondani de. **Justiça restaurativa na relações de gênero** recurso adicional na mediação de conflitos envolvendo mulheres em situação de violência doméstica. Disponível em: <http://www.cnpq.br/saladeimprensa/noticias/2009/0413a.htm>. Acesso em setembro de 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre o medo**. In: CARDOSO, Sérgio et al. Os Sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CASTRI, Massimo. **Por un teatro político**: Piscator, Brecht, Artaud. (Trad. Maria

Romero). Madrid: AKAL Editor, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre . **Razões Práticas**. 2 ed. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, 1996.

BOAL, Augusto. **Teatro legislativo**: versão beta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

NUNES, Silvia Balestreri. **Boal e Bene**: contaminações para um teatro menor. Tese de Doutorado. PUC: São Paulo, 2001.